

Entre o Hermeneuta e o Ator: a Simbiose do Drama e da Pregação no *Theatrum Sacrum* de Antônio Vieira

Felipe Lima da Silva*

Resumo: Este artigo pretende refletir acerca da natureza dramática presente na pregação do “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda”, à luz das reflexões do crítico português Antônio José Saraiva. Mais especificamente, serão enfocados os três eixos em que Antônio Vieira se fundamenta para mover a sensibilidade do Deus antropomorfizado: o posicionamento de Portugal como potencia difusora da fé, a engenhosidade retórica do pregador e a dramatização presente na ação pregatória. No curso da análise, será discutida a bifocalização do discurso operado pelo hermeneuta, fundado na intencionalidade de insuflar coragem nos fiéis e mover as paixões de Deus, para que este tome partido da causa de Portugal, na guerra, contra a invasão holandesa.

Palavras-chave: Antônio Vieira; oratória sacra; Deus; bifocalização; *theatrum sacrum*.

Abstract: This paper intends to reflect about the dramatic nature which appears in “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda”, under the Portuguese critic António José Saraiva’s reflections. More specifically, three center lines will be focused on António Vieira’s basis to move the sensibility of the anthropomorphized God: these center lines are Portugal’s position as faith diffuser power, the preacher’s rhetoric

* Graduando em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Artigo proveniente da Iniciação Científica intitulada “Imagens do corpo e representação retórica das paixões nas letras seiscentistas”, orientada pela Prof^a Dr.^a Ana Lúcia M. de Oliveira. Email: Felipe.lima2f@gmail.com.

cleverness and the dramatization found in the preaching action. During this analysis, it will be discussed the bifocalization of the speech operated by the hermeneutist, based on the intention of inciting courage to the faithful people and moving God's passions, in order that He takes part in Portugal side, in the war against Dutch invasion in Brazil, in the 17th century.

Keywords: Antônio Vieira; sacred oratory; God; bifocalization, *theatrum sacrum*.

A arte parenética do século XVII está arraigada a uma unidade comum à política e à religião, posto que, no período em questão, as práticas oratórias têm como finalidade pragmática: “semear as palavras de Deus e fazê-las frutificar no coração dos fiéis e no *corpo místico* do reino” (PÉCORA, 2001, p.136). Desse modo, o sermão constituiu-se, nas palavras de João Adolfo Hansen, como uma autêntica:

Imperial máquina de guerra que captura com os arquétipos do direito natural, tritura com os conceitos predicáveis e refina com as agudezas dos conceitos as ocasiões e as matérias do livre-arbítrio dos atores, dirigindo-se para o fim sabido antes mesmo de que a peça começasse: *futuro do pretérito*. (2008, p. 15)

A partir desse prisma, este texto toma como base a proposta reflexiva de Antônio José Saraiva, que, em análise do texto de extremo cunho político de Antônio Vieira, o “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda” (1640), forja um conjunto de questões do âmbito religioso e político que são inerentes, se avistarmos a questão pelas lentes de Alcir Pécora, à unidade retórica. Seguirei, *a priori*, as coordenadas traçadas pelo crítico já mencionado sobre o sermão vieiriano, abordando-o por três eixos que suscitam uma fascinante discussão acerca da produção sermonística de Vieira, sob a esfera política: o posicionamento de Portugal como potência escolhida por Deus para difundir a fé; a engenhosa argumentação

retórica do pregador quanto à fatídica vitória dos holandeses em detrimento dos lusitanos; e o movimento de dramatização no sermão para fim de ampliar a eficácia da *actio* pregatória.

Seguindo o fio pragmático, tentarei ampliar o horizonte teórico, construindo um mosaico de pontos de vista a partir do pensamento de outros signos representativos dos estudos seiscentistas – críticos conceituados que nos orientem a plasmar uma imagem ainda mais faraônica do engenho retórico do Imperador da língua portuguesa -, como assim era considerado por Fernando Pessoa, Antônio Vieira.

Para melhor contextualizar o tema abordado, é fundamental lembrar que o texto de Saraiva contextualiza sua análise futura – sobre o sermão vieriano – fazendo referência, nas primeiras laudas, à Carta Anua, de 1626, a primeira que Vieira escreveu, ainda quando estava no colégio de jesuítas, que relatava sobre a primeira invasão holandesa, ocorrida em 1624, nas terras da colônia. O documento descrevia o movimento caótico, causado pelos protestantes, relativo às destruições e profanações que proporcionaram aos colonos. Além disso, narra a ação dos religiosos que “tendo à frente os jesuítas, convocavam o povo para um espécie de guerra santa” (SARAIVA, 1980, p. 92).

No “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda”, o jesuíta, além de pregar aos fiéis, dedica seu discurso à divina Providência, a fim de não converter os pecadores que o ouvem, mas o próprio Deus. Seu argumento parte do direito de perdão que os portugueses têm perante a Justiça Divina, pois “Deus fez dos portugueses e de Portugal suas “causas segundas” ou “instrumentos da sua Vontade”” (HANSEN, 2003, p. 97) para difundir a fé católica entre o Novo Mundo.

Nessa questão, relativa à escolha de Portugal para difusão da fé, é importante tecer a consideração de que Vieira levantou a tese profética que defendia Portugal como o “Quinto Império”, cuja missão

era incluir o Novo Mundo no ágape cristão, revelando o que para eles – os gentios - consistia no mistério da Providência. Esse fator missionário só alastra a santificação, devido ao papel apostólico da coroa portuguesa de patrocínio dessa missão, plasmando a inconformidade do povo lusitano em detrimento à vitória dos holandeses – os considerados heréticos luteranos e calvinistas. Em clave vieriana, o sermão preza em soprar no povo pusilânime doses de coragem. Esse interesse, entretanto, divide o púlpito com outro tão importante quanto o primeiro, que diz respeito ao receio religioso de uma possível mentalidade, por parte do povo, de desconfiança quanto aos reais e tão aclamados valores do Catolicismo. À guisa de ilustração, ressalta-se um trecho do sermão em que o inaciano interpela Deus quanto ao receio que carrega:

Dirão, pelos feitos que vêem, que nossa Fé é falsa, e a dos Holandeses a verdadeira, e a crerão que são mais Cristãos sendo como eles. [...] E que pagão haverá, que se converta a Fé que lhe pregamos, ou que novo Cristão já convertido, que se não perverta, entendendo e persuadindo-se uns e outro, que no Herege é premiada a sua Lei, e no Católico se castiga a nossa? (VIEIRA, 2000, p. 449)

Ainda na esteira da legitimidade da nação lusitana em relação às missões religiosas, ressalta-se que o sermonista prega dessa vez com fim de mover Deus, pois, acentua Antônio José Saraiva, que “o pecado é uma razão a mais para o perdão do que para o castigo” (1980, p. 92). Em razão disso, Vieira, usando-se dessa ferramenta argumentativa, legitima-se no seu discurso, apresentando momentos das Escrituras que ratifiquem como a divina Providência foi justa em outros tempos com outros pecadores e que, à vista disso, deveria ser assim com o exército de Deus português, ainda que:

Nós não sabemos entender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois Justo, sempre sois Santo, sempre sois infinita Bondade; e ainda

nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegais com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem. (VIEIRA, 2000, p. 447)

Cabe ainda destacar que, o sermônista personifica Deus e proporciona-lhe caracteres humanos que podem ser sensibilizados no fim da pregação. Para tanto, Vieira esclarece de antemão que “não hei de pregar ao Povo, não hei de falar com os Homens, mais alto hão de sair minhas palavras, ou as minhas vozes: a vosso peito Divino se há de dirigir todo o Sermão” (2000, p. 446).

O discurso do iniciano pontua uma questão elementar para a análise de todo o sermão: a discussão sobre a engenhosa argumentação retórica do pregador quanto à fatídica vitória dos holandeses em detrimento dos lusitanos. Focalizo a última citação transcrita acima, para salientar a passagem na qual Vieira argumenta que o que dirigirá ao peito Divino serão suas palavras ou as “minhas vozes”, possibilitando-nos entender, desta forma, o lexema *vozes* como as prefigurações que serão evocadas no corpo do Sermão, como: Jó, Moisés e outras figuras do âmbito da Sacra História. Esses *ecos* que tocarão o peito Divino são signos representativos da sagrada História que, em algum tempo, tiveram momentos de interlocução com Deus, assim como Vieira projeta igualmente estar tendo no sermão. Bem afirma Antônio José Saraiva que “para o jesuíta do século XVII, assim como para os ouvintes, Deus era uma realidade temível ou amável, e jamais poderia ser tratado como os deuses gregos literatos do Renascimento” (1980, 93); sendo, desta forma, uma personalidade incontestável, contudo que, no momento da pregação, está justamente sendo indagada pelas suas atuais ações de permitir que os portugueses percam a batalha para os heréticos.

O sermão em foco constitui um jogo dramático, em que o pregador também é ator e que “a evocação de outras situações bíblicas reforça o caráter dramático do sermão” (SARAIVA, 1980, p. 93). A

seleção dos exemplos relativos às figuras religiosas que aparecem na sermônística são, estilisticamente, dispositivos de uma autêntica defesa de ponto de vista. Convocar essas vozes – o termo aqui muito bem selecionado pelo sermônista, visto que são vozes que realmente se comunicaram com Deus, segundo as Escrituras - garante a Vieira, diante do público, a chave de discurso engenhoso que lhe assegura o *status quo* de mensageiro-hermeneuta, prefigurando-o, diante de Deus, como um autêntico representante legitimado e detentor de argumentos plausíveis que não o posicionam como um suplicante, mas um sermônista capaz de uma “espécie de meio de pressão psicológica” (cf. SARAIVA, 1980, p. 94).

No exórdio do sermão, os argumentos são posicionados não no âmbito da ordem intelectual, extraídos da definição teológica de divindade, mas no campo dos argumentos psicológicos, desenvolvendo uma tática que leva em conta os sentimentos, “procurando atingi-lo no reduto de sua subjetividade” (SARAIVA, 1980, p. 95). Além disso, é sobrelevado o tom sarcástico que o discurso do jesuíta vai tomando, à medida que se encarrega de pregar a doutrina católica e fulgurar os valores da ortodoxia em detrimento do próprio Deus, a fim de sensibilizá-lo perante a situação, buscando “proteger Deus de ações cujas consequências o farão sofrer” (SARAIVA, 1980, p. 95), caso vençam os holandeses.

O sermão – cuja natureza é teológica e atua no movimento de correção moral no auditório dos fiéis - ganha, paulatinamente, uma carga emotiva por parte da *persona dramatis* – à medida que “o pregador e os cristãos prostados na Igreja querem impedir, clamando insistentemente a Deus para que ponha fim à sua cólera e às suas execuções” (SARAIVA, 1980, p. 96). Destarte, o jogo dramático é carregado pela subjetividade de uma *persona dramatis* – o pregador –, operando em chave de encenação um autêntico *theatrum sacrum* dentro de outro *theatrum sacrum* - uma espécie de movimento de *mise en abyme* – um

sermão dentro de outro sermão, em que o pregador no primeiro plano, discursa aos seus fiéis ali presentes, mas em uma espécie de *simulacro sacro* – ou segundo plano - discursa para Deus.

A dramatização na pregação acentua seu caráter teatral, distinguindo-a de uma trivial espetacularização profana. Em razão disso, lembremo-nos das palavras de Adolfo Hansen sobre o caráter discreto do *theatrum sacrum* vieiriano:

O *theatrum sacrum* é também teatro discreto, encenação retórica *synderesis*, em que a prudência conselheira do engenho explicita a Lei no estilo, duplicando as dobras da sua metáfora em outras metáforas replicadas, *circumscriptio*, complicando-as com a perspicácia e versatilidade nos sucessos contemporâneos para ouvidos que saibam e queiram ver com a visão beatífica da boa nova. (2008, p. 15)

Em clave retórica, portanto, Antônio Vieira discursa aos que querem ouvir – os fiéis – e aquele que não está presente fisicamente – Deus –, projetando, através da *invenção* retórica, personificações e lançando mão do engenhoso mecanismo de abismo no sermão, em que se projeta um sermão dentro de outro, para criar, por sua vez, uma interlocução com aquele com quem se opera o jogo dramático. Em poucas palavras, o inaciano faz do púlpito o lugar de representação em que Deus “não está somente no interior do espetáculo, como uma personagem muda, está no exterior também, enquanto público, ou destinatário da mensagem” (SARAIVA, 1980, p. 97).

Ainda no que tange a teatralização do jesuíta, é fundamental compreender que para o discurso retórico o *logos*, o *ethos* e o *pathos* ajustam-se, sob as convenções retóricas, na *actio* discursiva, pois, do contrário, ocasionam fraturas na eficácia pregatória. No que diz respeito, sobretudo, à questão do *pathos*, declara-se que “o espetáculo é absoluto, a ambição secreta de todo grande artista, isto é, espetáculo em que não existem atores e espectadores” (SARAIVA, 1980, p. 98).

Em síntese, não se trata de meramente uma representação mimética da ação pregatória, mas uma encenação em que “o público não é público porque participa da peça: o protagonista representa como se fosse um papel de ator a paixão que ele próprio sente” (1980, p. 98). Deste modo, o que move o público, mas – principalmente - a *persona dramatis* do protagonista, *sui generis*, é o *pathos*: a paixão que carrega e move suas convicções em relação ao que está requestando a Deus. Além disso, é inverossímil para o inaciano e a *forma mentis* do século XVII ibérico-católico qualquer manifestação de espetacularização com as questões da Providência que não estivessem em sintonia com as Leis de Deus, pois “tudo é espetáculo ou nada é, conforme o ponto de vista” (cf. *ibidem*, 1980, p. 98). A título de esclarecimento sobre esse jogo de representação, Manuel Candido Pimentel, em sua obra sobre os caminhos filosóficos de Antônio Vieira, declara que:

Esse jogo que Deus joga e que constitui o tecido da própria História não pode ser considerado, em Vieira, como farsa, fingimento, brincadeira e mentira, pelo o que não há para ele concepção luciferina do jogo em sua aplicação metafórica às realidades que pretende traduzir, mas aferição por ele da linguagem diatáxica do real, do difícil discurso de seu dinamismo coetâneo dos intuitos de Deus. (2008, p. 87)

Antônio Vieira não transita, impensadamente, entre o mundo da representação retórica e o âmbito da encenação profana, mas, mostra-se diante do abismo dessas duas esferas ao, muitas vezes, resvalar em um domínio discursivo que escapa da convenção retórica da oratória, alcançando, por um triz, um horizontalismo linguístico que se configura em quase uma espécie de heresia. No sermão em foco, Deus é uma pessoa para o pregador, e seu intento não se escamoteia, dado que é de aspiração que Deus seja movido em seu estado antropomórfico, pois está referido da subjetividade feita da mesma natureza que a dos homens.

É digno de nota destacar, os caracteres que dessassemelham o Deus bíblico dos deuses homéricos, dado que o primeiro é a “própria subjetividade, transposta em Outro” (SARAIVA, 1980, p. 100), à proporção que aqueles “são a Natureza, concebida à imagem do homem” (cf. *ibidem*, 1980, p. 100). Em síntese, um é a subjetividade e está presente dentro e diante de nós, ao passo que os deuses greco-romanos observam de fora, são objetivos, determinados em um espaço ordenado e seus atos localizam-se numa corrente de causas e efeitos, balizando-lhes e relativizando-lhes ainda que fossem poderosos.

As armadilhas, no âmbito sermonístico, são produzidas a partir da ramificação sagrada sobre a história de Jesus. Vieira, para assemelhar ainda mais Deus aos homens, recorda-lhe sobre sua mãe carnal – a Virgem Maria – isto, pois, associando o Deus a quem Vieira se dirige e o Deus do Velho Testamento - o de Moisés -, pode-se perceber que este não se distingue daquele “sendo o primeiro tão acessível a dor, tão humano e pessoal como o segundo” (SARAIVA, 1980, p. 102). Nesse liame que contempla as semelhanças entre as duas faces do Divino, o hermeneuta acentua para fim de êxito da sua valência retórica - já que o *telos* do sermão, desde o seu introito, é fazer Deus sair arrependido, antes que “o mal passado não tenha remédio (VIEIRA, 2000, p. 454) – a relação filial entre Deus e a Virgem Maria, lembrando-lhe que aquele se não tem misericórdia de Portugal, que perdoe, então, em nome e respeito da Virgem, sua mãe:

Não me admiro tanto senhor de que hajais de consentir semelhante agravos e afrontas nas vossas Imagens, pois já as permitistes em vosso sacratíssimo Corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de vossa Santíssima Mãe, não sei como isto pode estar com a piedade e amor de Filho. (VIEIRA, 2000, p. 456)

Cabe ainda acentuar, a leitura feita acerca da legitimidade de Portugal enquanto terra que desempenha o papel de povo de Deus, assinalando que “entre Deus e os portugueses existe uma aliança

que foi firmada na véspera da vitória de Ourique, obtida contra os mouros pelo primeiro rei de Portugal” (cf. SARAIVA, 1980, p. 103). Essa concepção lusocentrista plasma sobre a imagem de Portugal os valores de uma “Nova Israel”, um povo responsável que se reconhece como propulsor da fomentação em que “o nascimento de Cristo se renova na história com a nova cristandade resultante da conversão dos indígenas pelos portugueses” (OLIVEIRA, 2011, p. 38). A tópica que alicerça a perspectiva do lusitanismo surge do limiar histórico, refletindo-se em acontecimentos repetitivos no espaço-tempo, a partir da Vontade seletiva da Providência, contemplando:

As duas ocorrências diferentes da conversão da gentilidade da fé: a primeira, quando os três Reis Magos do Oriente foram adorar Cristo, representando, com este gesto, o nascimento da cristandade; a segunda com os três reis do Ocidente – no caso, os monarcas portugueses Dom João II, Dom Manuel e Dom João III -, “que trouxeram ao conhecimento de Cristo aquelas novas gentilidades”. (OLIVEIRA, 2011, p. 38)

Na esteira da instrumentalização oratória de Vieira, tece-se a consideração de que o inaciano dispõe-se de um aparato retórico que, engenhosamente, se ajusta com as prefigurações que faz dos acontecimentos, lugares, signos heroicos e representativos da Bíblia, configurando-se como autênticos *exemplos* a serem seguidos pelos fiéis e plausíveis mecanismos argumentativos para legitimar a misericórdia que Deus dispôs ao longo da Sagrada História. Deve-se ressaltar, além disso, o sentido de história para o século XVII, que se distingue do pensamento evolucionista que hoje se tem acerca da sucessibilidade dos acontecimentos, declarando que naquele tempo a história era “uma variação na permanência: o Homem e os homens eram uma constante, ainda que oscilante e diversa” (SARAIVA, 1980, p. 108).

Sobre a questão do par Portugal-Israel, relativa a uma conexão estalecidade entre dois fundamentos, Antônio José Saraiva afirma

que quanto aos “dois povos determinados, Israel e Portugal, não se pode dizer que um seja “a imagem” do outro, pois ambos se encontram no mesmo plano histórico, no fluxo do tempo” (1980, p. 108), completando ainda que “a palavra de Deus se aplica tão bem aos Portugueses como aos Hebreus” (1980, p. 108).

O princípio do texto de Vieira emana do pressuposto que aponta Deus como a causa da sorte variável dos portugueses. Nesse prisma, retomo Antônio José Saraiva, que, em uma ilustre passagem, declara o caráter suntuoso do texto do sermônista que se esquivava até das balizas exegéticas da potência alegórica:

A exegese histórica aplicada por Vieira ao texto da Escritura, leva-o a apreender o caráter de Deus enquanto pessoa, tal como se manifestou no tempo, empiricamente, um resultado contrário ao que se obteria pela interpretação alegórica, cujo objetivo, justamente, é ultrapassar ou transformar o que, na narrativa bíblica, se choca com uma concepção racionalizada da divindade. (1980, p. 110)

A título de escólio, resgato os ensinamentos de João Adolfo Hansen que alumiam o pensamento, afirmando que “a alegoria é procedimento intencional do autor do discurso; sua interpretação, ato do receptor, também está prevista por regras que estabelecem sua maior ou menor clareza” (HANSEN, 2006, p. 9). Tal referência sanciona para nós – receptores – que o engenhoso inaciano ao teatralizar seu sermão, levando-o ao ápice da encenação, alegoricamente, constrói para seu público – Deus e os fiéis-, de níveis distintos, um monumento discursivo cuja *invenção* estratégica consiste nos três eixos aqui discutidos: legitimação de Portugal como difusora da fé; repertório retórico-poético respaldado em signos representativos da história bíblica; e a dramatização do discurso que opera sob chave da subjetividade, transitando entre o abismo do domínio discursivo bíblico e do profano.

O nervo do sermão de Antônio Vieira aqui em foco é uma autêntica dramatização que alcança uma suntuosidade tão resplandecente por estar, justamente, numa adjacência do sagrado com o profano. A engenhosidade com o aparato retórico possibilita ao hermeneuta transitar entre os domínios discursivos, sem permitir que se caia em heresia ou em indeterminações semânticas, revelando ao público uma espécie de encenação sagrada que se constitui como mais uma peça admirável do grande “xadrez de palavras” sermonístico das letras ibérico-seiscentistas.

Referências

HANSEN, João Adolfo. “Esquema para Vieira”. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: TopBooks; UniverCidade Editora, 2003.

_____. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

_____. “Prefácio”. In: *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: EdUSP, Campinas: Editora Unicamp, 2008.

OLIVEIRA, Ana Lúcia de. ““Pregando a toda criatura”: Antônio Vieira e a sementeira no novo mundo”. In: JOBIM, José Luís; PELOSO, Silvano (org.). *Descobrimo o Brasil: sentidos da literatura e da cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

PÉCORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*. São Paulo: EdUSP, 2001.

PIMENTEL, Manuel Cândido. *De Chronos a Kairós: caminhos filosóficos do padre Antônio Vieira*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

SARAIVA, Antônio José. *O discurso engenhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Vol 1. Org. de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000.